

O XV ENEPEA: UM RELATO SOBRE RUPTURAS E CONTINUIDADES

THE XV ENEPEA: A REPORT ON RUPTURES AND CONTINUITIES

Danielly Cozer Aliprandi
Antonio Leandro Crespo de Godoy
Ana Paula Pereira de Campos Lettieri
Daniela Bogado Bastos de Oliveira
Fagner das Neves de Oliveira

RESUMO

O Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo no Brasil (Enepea) figura como uma ferramenta de fortalecimento da rede de acadêmicos e profissionais da arquitetura da paisagem brasileira. Contribui significativamente nas reflexões e no pensar da área em suas diversas dimensões, seja no ensino, pesquisa, extensão e na prática profissional. Os trabalhos apresentados contemplam as diversas escalas da paisagem, estruturação da legislação urbana e ambiental e diretrizes curriculares, aprimorando a formação na área do paisagismo. Este artigo objetiva explicitar um relato da experiência de realização do XV Enepea: Rupturas ou Continuidades? – Campos dos Goytacazes/RJ, considerando a especificidade do ano de 2020 com a pandemia da covid-19 e os desdobramentos da emergência sanitária sobre a realização do evento. A ruptura produzida pelo adiamento e posterior reconfiguração do evento e a continuidade, em um novo formato, reforçou o debate e a rede. Com o envolvimento de mais atores no processo de construção do evento e a realidade dos debates e reflexões, a perspectiva é que o relato deste aprendizado possa agregar positivamente à continuidade dos incontáveis futuros encontros.

Palavras-chave: Arquitetura da paisagem. Ensino. Atividades remotas. Evento científico.

ABSTRACT

The Brazilian National Congress on Landscape Teaching of Architecture and Urbanism Schools (ENEPEA) is a tool to strengthen the network of architecture academics and professionals of the Brazilian landscape. It significantly contributes to reflections and thinking about the field in its various dimensions, whether in teaching, research, outreach and professional practice. The works presented contemplate the different scales of the landscape, urban structuring, environmental legislation and curricular guidelines, improving landscaping education. This article is an experience report on the XV ENEPEA: Ruptures or Continuities? – Campos dos Goytacazes/RJ, considering the specificity of the year 2020, the COVID-19 pandemic and the consequences of the health emergency on the event. The rupture produced by the postponement and subsequent reconfiguration of the event and the continuity, in a new format, reinforced the debate and the network. With the involvement of more actors in the event organization process and the reality of debates and reflections, the perspective is that this report can add positively to the continuity of countless future meetings.

Keywords: Landscape architecture. Teaching. Remote activities. Scientific event.



<https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.paam.2024.190321>

Paisag. Ambiente: Ensaios, São Paulo, v. 35, n. 53, 2024.

I. INTRODUÇÃO

Uma importante ferramenta de fortalecimento da rede de pesquisadores, docentes, estudantes e demais profissionais da área de paisagismo no país, o Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo no Brasil (Enepea) já foi realizado em cidades de diferentes regiões, inicialmente com frequência anual e, a partir da sua quarta edição, com frequência bianual. A primeira edição do evento ocorreu no Rio de Janeiro na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 1994, quando, pela Portaria do Ministério de Educação e Cultura (MEC) nº 1.770/1994, que dispôs sobre novas diretrizes curriculares e sobre o currículo mínimo do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo, se incluiu o paisagismo como matéria obrigatória. Depois seguiu com edição em São Paulo (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo [FAUUSP]–1995), São Carlos/SP (Universidade de São Paulo [USP]–1996), Florianópolis (Universidade Federal de Santa Catarina [UFSC]–1998), Rio de Janeiro (UFRJ–2000), Recife (Universidade Federal de Pernambuco [UFPE]–2002), Belo Horizonte (Universidade Federal de Minas Gerais [UFMG]–2004), em São Paulo (FAUUSP–2006), Curitiba (Universidade Federal do Paraná [UFPR]–2008), Porto Alegre (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul [PUCRS]–2010), Campo Grande (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul [UFMS], 2012), Vitória (2014), Salvador (Universidade Federal da Bahia [UFBA]–2016), Santa Maria/RS (Universidade Federal de Santa Maria [UFSM]–2018) e em Campos dos Goytacazes/RJ (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense [IFF], 2020). Em 2022, a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), em Cuiabá, sediou o encontro, com o tema “Trans.ver.paisagens”. Já em 2024, na sua edição comemorativa dos 30 anos do evento, o 17º Enepea, realizado na Universidade Federal de Tocantins (UFT), teve como tema “Inovar com e por meio da paisagem em Ensino, Pesquisa e Extensão.

As atividades realizadas no Enepea contribuem nas reflexões e no modo de pensar a arquitetura paisagística em seus diversos aspectos, seja em ensino, pesquisa, extensão e prática profissional. Contemplam as diversas escalas de paisagem e estruturação da legislação urbana e ambiental, bem como diretrizes curriculares, aprimorando a formação na área do paisagismo. Ampliam e aprofundam possibilidades metodológicas e de fundamentação teórico-crítica, buscando lacunas que possam existir nas diretrizes curriculares do Ministério da Educação (MEC) e nos Projetos Pedagógicos

dos cursos de Arquitetura e Urbanismo do país, que crescem em número a cada ano, reforçando a importância do paisagismo na formação do arquiteto e urbanista e valorizando o objeto central de atuação da arquitetura paisagística, ou seja, os espaços livres de edificação ou de urbanização.

O evento reúne professores, pesquisadores, alunos de graduação e pós-graduação, e interessados no desenvolvimento de práticas e discussões sobre ensino, pesquisa, extensão e projeto na área de paisagismo, objetivando uma reflexão sobre as atuações na área. Dentro desse escopo, a sua décima quinta edição veio com o intuito de identificar as atuais contradições, perdas, permanências e o que resiste no ensino de paisagismo em escolas de Arquitetura e Urbanismo. O campo de atuação cresceu e o número de profissionais formados em arquitetura se ampliou, tendo em vista que existiam cerca de 50 cursos em 1994 e atualmente o país conta com 819 cursos em atividade segundo o Portal e-MEC (Brasil, 2017). Novos grupos de pesquisa na área surgiram e outros se fortaleceram, inclusive enquanto rede, como o caso da rede nacional de pesquisa Quadro do Paisagismo no Brasil – Sistema de Espaços Livres (QUAPÁ-SEL) criada pelo professor Silvio Soares Macedo na FAUUSP, que hoje agrega pesquisadores de cerca de trinta e cinco cidades do país¹.

Dessa forma, observou-se durante a organização do XV Enepea a necessidade de discutir melhor o papel do paisagismo na formação do arquiteto e urbanista e consolidar conceitos e metodologias de ensino, buscando responder às perguntas colocadas pelo professor Silvio Soares Macedo (Enepea, 2021)²:

- Para quem são os conteúdos e métodos utilizados em aula?
 - Como consolidar as disciplinas de paisagismo no contexto de centenas de cursos de Arquitetura e Urbanismo? ...
- Queremos entender e debater sobre:
- Quais são as referências teóricas, projetuais e bibliográficas em pauta?
 - Quais as ações paisagísticas inovadoras das correntes contemporâneas brasileiras?
- Queremos consolidar conceitos, objetivos e objetos de ensino de modo a formarmos profissionais capazes de qualificar pai-

¹ <http://quapa.fau.usp.br/wordpress/>

² Entrevista concedida a Danielly Cozer Aliprandi em janeiro de 2019.

sagisticamente os espaços livres, públicos e privados, de nosso país, de 2020 em diante...

A décima quinta edição, programada para ocorrer em Campos dos Goytacazes entre os dias 30 de março e 4 de abril de 2020 no Campus Campos Centro do IFF, teve suas especificidades. A temática de inspiração na fala do Professor Silvio Macedo, Rupturas e Continuidades, se realizou na prática quando às vésperas do evento o Brasil se viu imerso na pandemia da covid-19. Em meio às incertezas, veio o adiamento do evento e, alguns meses depois, a asserção que ele só poderia ocorrer de forma remota. A decisão foi reforçar a construção coletiva, o debate junto à comissão científica, a participação de alunos e docentes e a presença nas redes sociais e nas diversas ferramentas de diálogos virtuais. A natureza do evento, que tem como principal objetivo a construção de pontes entre os diversos estudantes e profissionais da área de arquitetura paisagística, se mostrou ainda mais premente. Diante da ruptura produzida pela pandemia, a continuidade foi uma necessidade.

Desse modo, o objetivo deste artigo é a exposição desse processo, que começa com a expectativa do evento que teria sua primeira edição em um Instituto Federal, ampliando o debate e o olhar também para a realidade das cidades médias, fora das capitais e das regiões metropolitanas. Explicitar esse processo se torna fundamental para a compreensão do tema rupturas e continuidades, das reflexões, dos aprendizados e dos caminhos apontados durante o evento. A expectativa é que, ao publicizar este processo, ele sirva como uma reflexão da importância da construção coletiva e da relevância que o Enepea tem nessa necessária troca de experiências e aprendizados na cada vez mais crescente e multidisciplinar área da arquitetura da paisagem.

2. DA CONSTRUÇÃO À RUPTURA

A construção do XV Enepea começa já na plenária final do evento anterior, em Santa Maria/RS (UFSM–2018), quando o grupo de pesquisadores do IFF decidiu propor sua candidatura. Naquele momento, a questão que se colocava envolvia o recém-criado núcleo de pesquisa e os jovens docentes e pesquisadores, acostumados à participação nas edições anteriores e dispostos à empreitada de trazer o tão importante evento para seu instituto. O apoio do IFF e a generosidade da comunidade acadêmica do evento foi fundamental.

Com a aprovação da candidatura e a volta para Campos dos Goytacazes, o grupo começa imediatamente os debates e o plano de trabalho. Para fortalecer a equipe organizadora, decide-se realizar um pequeno teste: um evento local para chamar à presença alguns pesquisadores de outras universidades e para apreender a dinâmica de realização de eventos no campus. Assim, em um curto intervalo de tempo, foi organizado e realizado o I Seminário de Pesquisas da Paisagem no IFF (Figura 1).

A organização desse pequeno evento foi base para a construção do XV Enepea, pois uniu alunos e professores no aprendizado sobre as demandas de realização e os tramites relacionados ao instituto, aos possíveis apoios e aos processos diversos para construção da equipe organizadora. A equipe formada para esse evento e os processos que se iniciaram dele podem ser considerados o início do projeto Enepea – Campos do Goytacazes.

A partir de então, foca-se no planejamento do XV Enepea. A construção de um evento como esse começa pela escolha do tema que, por sua vez, deve refletir demandas e expectativas sobre a área. As primeiras reflexões que deram início a idealização dessa edição são fruto da anterior, a partir de demandas destacadas durante sua plenária final, além da percepção da equipe organizadora do XV Enepea, que participou (em sua maioria) da edição de 2018, e das trocas que se fizeram possíveis durante os intervalos e os “cafés”.

A equipe organizadora teve apoio de pessoas de grande experiência na área, com uma longa história de participação no Enepea e muito disposta a contribuir. Diante disso, a primeira decisão foi a de seguir na construção de um evento mais participativo, buscando ouvir esses profissionais que queriam contribuir e pensando estratégias para aproximar os potenciais participantes.

Dentre os nomes que se destacam, estão os colegas: Eneida Maria Souza Mendonça (Universidade Federal do Espírito Santo [UFES]); Eugenio Fernandes Queiroga e Fábio Mariz Gonçalves (USP); Jonathas Magalhães da Silva (PUC Campinas); Luciana Bongiovanni Martins Schenk (USP São Carlos/Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas [ABAP]) e Vera Regina Tângari (UFRJ). A partir das trocas e reuniões realizadas, foi possível criar uma rede de contatos, fazer articulações e vislumbrar mais possibilidades.

Mas a definição do fio condutor do XV Enepea, ou seja, a temática central, se deu a partir do forte envolvimento do professor Silvio Soares Macedo.



Figura 1 – Encerramento do I Seminário de Pesquisas da Paisagem.

Fonte: Acervo APPA, 2018.

4

Seu papel foi fundamental como um mentor nessa construção, trazendo as questões chave para se pensar o evento. Foram realizadas duas visitas a ele, em janeiro de 2019 e de 2020³. A primeira visita se deu no momento de formatação do ideal do evento, sendo base para a criação do tema e das diretrizes que conduziram o processo de organização e até mesmo a criação da identidade visual, que surge a partir de um desenho feito por ele (Figura 2) ao final da visita. A segunda, já com o planejamento avançado, focou na produção de conteúdo, como chamadas e depoimentos utilizados em vários momentos, como homenagens, divulgações etc.

O que vinha ficando claro desde o início das pesquisas e discussões é que era necessário recuperar com maior força o objetivo central do Enepea de discutir ensino, que não havia desaparecido, mas perdido o protagonismo. Na verdade, era esperado que ocorresse por um tempo, tendo em vista o crescimento da área no país em diversos âmbitos, seja na pesquisa ou na prática profissional.

³ Cabe ressaltar o papel da professora Vera Regina Tângari nesse processo, que promoveu e acompanhou pessoalmente as visitas.

No entanto, chega um momento em que esse protagonismo precisa retomar a sua origem. Isso fica claro nas conversas com Silvio Macedo, que nos relata sua experiência desde os tempos dos primeiros Enepeas. Segundo ele, com o significativo aumento de cursos de arquitetura e urbanismo no país, era necessário buscarmos compreender, em termos de conteúdo e de método, o que sobrevive, o que se consolida e o que se perde. Ele dizia que era preciso abrir a “caixa preta” que representa nossas aulas e compartilharmos bibliografia, métodos, tecnologias, exercícios, nossas práticas e experiências. Além disso, ao longo desses 25 anos, nos deparamos com alterações de carga horária e diferentes articulações, como as integrações entre disciplinas e ateliês, o que pode ocasionar (ou não) perdas de conteúdo e de especificidades. Até hoje nos deparamos com colegas de profissão que ainda não compreendem o papel da disciplina de paisagismo na formação do arquiteto e urbanista.

Com o aumento da oferta de cursos, cresce exponencialmente o número de arquitetos formados no país. A partir disso, outra pergunta é levantada por ele: o que tem sido produzido no Brasil por esses profissionais? Por

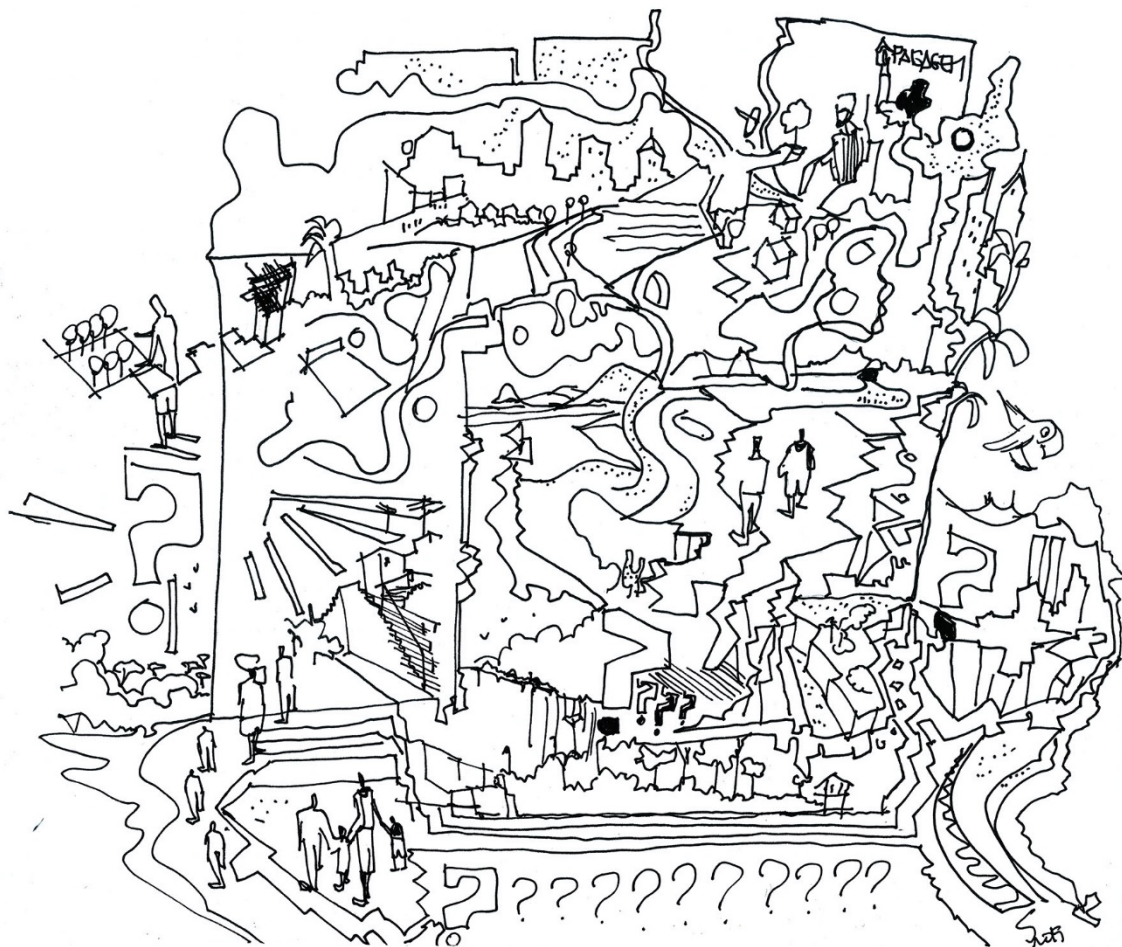


Figura 2 – Desenho original.
Fonte: Silvio Soares Macedo (2019), acervo pessoal.

meio de suas pesquisas no Quapá-SEL, Silvio e os demais pesquisadores do grupo têm conseguido mostrar a riqueza que é o paisagismo existente no Brasil e produzido ao longo dos anos. Mas hoje, o que tem sido produzido? E será que as pessoas conhecem? A partir dessas indagações, estimuladas pelo próprio Silvio, percebe-se a necessidade da realização de trocas e compartilhamentos de práticas, experiências e projetos.

Englobando todos esses questionamentos, veio a pergunta: no ensino, na pesquisa e na prática profissional, o que vemos são rupturas ou continuidades?

Essas questões também foram levadas para a identidade visual do evento (Figura 3), principalmente em seu símbolo, que remete em suas linhas à ideia das rupturas e das continuidades no formato de uma interrogação, elemento que mais representa os questionamentos que o Enepea se propõe. Para completar o logotipo, o nome do encontro e a localização da cidade de Campos dos Goytacazes se apresentam junto a data que iria ocorrer. Esse conjunto foi circundado pelo tema “Rupturas ou continuidades?”, de forma a apontar e reforçar a condição do ciclo e da dependência que um elemento confere ao outro na necessária discussão proposta.



Figura 3 – Identidade visual do XV Enepea.
Fonte: Luciana Ferreira Fagundes (2019).

Houaiss, Villar e Franco (2009) definem o termo ruptura como uma “ação ou efeito de romper(-se); rompimento, fratura, quebra, interrupção de continuidade; divisão, corte, quebra de relações sociais ou compromissos”. Pode-se dizer que tudo estava pronto: hotéis reservados para palestrantes, passagens aéreas compradas, o Teatro Trianon reservado para a Abertura do Evento, todos os espaços do campus reservados, transporte de palestrantes e comissão científica, *coffee break*, material impresso, o evento estava pronto. E então veio a ruptura.

A portaria n. 164, de 13 de março de 2020 do IFF, decidiu em seu Art. 2º: “Suspender todas as atividades extracurriculares como aulas inaugurais, cerimônias de entrega de títulos honoríficos, formaturas, posses e eventos comemorativos, científicos, artísticos e culturais”. Assim, o XV Enepea – Campos dos Goytacazes, que teria início dia 30 de março de 2020, foi oficialmente suspenso.

Em dados oficiais de 1 de setembro de 2021, extraídos do site do Ministério da Saúde (Brasil, 2021), já são 581.150 brasileiros mortos em decorrência da pandemia da covid-19. Embora em março de 2020 ainda não se tivesse certeza da gravidade da situação, ao longo dos meses foi ficando claro que se o evento não ocorresse de forma remota, ele não aconteceria de forma presencial. Ou o adiamento decorrente dessa ruptura tornar-se-ia o cancelamento do evento ou, a partir dele, viria a continuidade, em um novo formato.

Segundo Houaiss, Villar e Franco (2009), continuidade é um substantivo feminino. É a qualidade, a condição ou o estado de contínuo, a persistência das características inerentes a um determinado contexto. A palavra tem como sinônimo ou variantes conservação, constância, estabilidade, manutenção, persistência, prosseguimento, subsistência.

Diante de toda a trajetória construída até aquele momento, não havia uma alternativa que não fosse o desafio da continuidade.

3. DA RUPTURA À CONTINUIDADE

Com o adiamento do XV Enepea em virtude da pandemia da covid-19 e do alastramento do vírus pelo país, a comissão organizadora decidiu aguardar por um tempo, com as atividades de organização em suspenso, para observar de que modo o cenário iria se desenrolar e, por consequência, quando e mediante quais adaptações o evento poderia se concretizar.

Com a pandemia ganhando cada vez mais força e a constatação da inexistência de uma perspectiva à curto prazo de retorno com segurança às atividades presenciais, especialmente envolvendo grupos maiores de pessoas, optou-se pela reestruturação completa do evento para que fosse possível realizá-lo ainda no ano de 2020, porém em um formato totalmente online.

Tal decisão acarretou uma série de desafios de diversas ordens, perpassando aspectos relativos à: interação interpessoal; provisão das sen-

sações de proximidade e afetividade mesmo à distância; adequação às novas práticas e rotina impostas pela pandemia; adaptação de atividades de caráter essencialmente presencial ao virtual; manutenção da qualidade do evento, de seus resultados e do aproveitamento do mesmo por parte dos seus participantes; entre outros.

A pandemia impactou fortemente e de maneira bastante diversificada e desigual a vida de toda a população mundial, alterando, dentre outros pontos, a rotina e as práticas do dia a dia das pessoas. Muitos se viram diante de uma sobrecarga de trabalho, profissional e/ou relacionado ao âmbito familiar, e o uso dos recursos digitais e tecnologias se ampliou vertiginosamente como resposta à necessidade de redução das interações sociais presenciais visando à proteção em relação ao novo vírus.

Diante de tal fenômeno, foi necessário repensar a distribuição da programação do XV Enepea, considerando um limite de difícil definição em relação à quantidade de horas no dia e mesmo quais dias da semana que viabilizassem a participação do público no evento, evitassem a exaustão e a perda de concentração e, conseqüentemente, proporcionassem o melhor aproveitamento das atividades sem que se perdesse a continuidade das discussões.

Para além disso, considerou-se relevante definir estratégias através das quais fosse possível minimizar a frieza das relações via telas, fazendo chegar aos participantes o calor humano e o afeto com os quais seriam recepcionados na concepção original do evento. Ademais, era preciso identificar meios de contemplar um dos aspectos mais interessantes do Enepea: conhecer a cidade e a instituição que sediam cada edição – nesse caso, Campos dos Goytacazes/RJ e o IFF. Nesse sentido, proporcionar de algum modo a experiência em relação ao espaço era imprescindível, visto ser algo tão caro aos Arquitetos e Urbanistas.

E por falar em espaço, questionou-se sobre como levar as ricas discussões para dentro da casa dos participantes. De que forma manter na programação atividades de caráter mais prático, como minicursos, sessões temáticas e exposições, que se configuram também como atividades características do evento? Para isso foram necessárias pesquisas pelas ferramentas mais adequadas, usando a tecnologia como forma de torná-las viáveis e de garantir a interação necessária entre os participantes.

Essa interação entre os organizadores, entre eles e o público e entre os participantes do evento de um modo geral, foi também uma das grandes

barreiras a serem vencidas. Como efeito da pandemia e da virtualização de muitas atividades, houve entre o meio e o final do ano de 2020 um boom de eventos online e lives, em meios aos quais foi fundamental a adoção de estratégias para se destacar, chegando ao público do evento e engajando-o.

Em vista da necessidade de alcançar o público-alvo em todo território nacional, a princípio a principal estratégia de comunicação e divulgação do evento não se alterou em relação às distintas etapas, sendo utilizados dos recursos mais comuns dos últimos anos – website, mala direta por e-mail e rede social.

Porém, com a mudança para o formato não presencial do evento, se tornou necessária uma adaptação na comunicação nessas mídias, começando pelo próprio título, que passou a ter o termo “em casa” em todas as comunicações (Figura 4), destacando o caráter remoto e o fato de estarmos “entrando” na casa dos participantes. Outra questão importante apresentada no novo logotipo do evento é a inserção do “Brasil” como localização, reforçando o fato de acontecer exatamente onde cada participante estiver, em qualquer lugar do país, um feito que somente o modo remoto poderia proporcionar. O website foi refeito para comunicar de forma mais incisiva as alterações advindas e o perfil na rede social Instagram também se remodelou para divulgar essas modificações. O Instagram nesse momento passou a ser o modo mais efetivo de se comunicar e angariar mais o público.

Com o adiamento em mais de seis meses, se tornou necessário um meio de manter o evento em evidência e, para isso, foi criado o *Esquenta Enepea*, uma série de lives no Instagram com duração média de 30 minutos que apresentavam convidados para conversas sobre os temas relativos ao evento (paisagem, paisagismo, ensino etc.) e sobre a cidade de Campos dos Goytacazes.

O *Esquenta Enepea* aconteceu duas vezes por semana nos últimos dois meses antes de iniciar o evento principal e teve dois principais motivos. O primeiro foi apresentar a cidade que sediaria o evento no modo presencial. Já que não seria mais possível os participantes conhecerem Campos dos Goytacazes, foram apresentados, por personalidades campistas, diversos aspectos sobre a cultura, o folclore, o território, o cenário político e artístico do município. O outro foi apresentar conversas e discussões



Figura 4 – Identidade visual do Enepea em casa.
Fonte: Luciana Ferreira Fagundes (2019).

com membros do comitê científico e figuras de relevância no cenário do evento sobre os principais temas a serem abordados nele – paisagem, paisagismo, ensino etc. –, além de apresentar os interesses e atividades dos convidados. O *Esquenta Enepea* aproximou a comunidade e criou expectativas para a chegada do evento, com interações semanais que só fizeram enriquecer o todo.

Quanto à relação com os alunos, que foram voluntários na organização do evento, foram adotadas algumas estratégias de comunicação que tornassem viáveis as trocas de informações e visualização das tarefas a serem executadas mediante a impossibilidade de realizar reuniões presenciais. Para

tanto, estruturaram-se grupos temáticos que, sob a responsabilidade de um professor e um grupo de alunos, concentrassem atividades específicas: comunicação visual; oficinas e minicursos; concursos; exposições; parcerias e patrocínios; submissão de artigos; e transmissão.

A partir dessa divisão, a relação se deu de duas formas: dentro de cada grupo, junto aos seus integrantes; e de forma conjunta, envolvendo todos os grupos. Para isso, aderiu-se à utilização de três ferramentas: o aplicativo de gerenciamento de projetos Trello; o Whatsapp para troca de mensagens instantâneas; e, por fim, o Google Meet para a realização de reuniões por videoconferência.

Por meio de tais estratégias, conseguiu-se estabelecer uma relação próxima aos alunos, que de fato contemplava sua participação ativa em todas as etapas da organização e execução do evento mediante uma visualização clara e organizada das tarefas e demandas.

As atividades que compuseram o XV Enepea foram classificadas de acordo com algumas especificidades: Forma de Comunicação; Ferramenta Digital; e Público-alvo. Tendo em vista se tratar de um evento online e, portanto, permeado por desafios e possibilidades, a definição da Forma de Comunicação foi essencial para não sobrecarregar o tempo de dedicação dos participantes. Assim, algumas atividades foram disponibilizadas assincronamente, de modo que cada um pudesse usufruí-las dentro de suas possibilidades temporais.

Já a estipulação da Ferramenta Digital a ser utilizada em cada momento se relacionou tanto à forma de comunicação quanto ao público-alvo. Diante da possibilidade oferecida pelo novo formato do evento de ampliar os debates, decidiu-se que algumas atividades seriam abertas ao público em geral de interessados, mesmo que não inscritos no evento, proporcionando um enriquecimento das discussões. Para tanto, elas foram transmitidas abertamente através do canal do curso de Arquitetura e Urbanismo do IFF, no qual permanecem disponibilizadas para acesso a qualquer tempo como registro público do evento (YouTube, 2021).

Ademais, sempre que possível, tentou-se relacioná-las com as próprias Linhas Temáticas, as quais se dividiram em “Processo e método de ensino. O que estamos ensinando?” (em azul); “Estratégias e processos projetuais. Como estamos atuando?” (em rosa) e “Planos, políticas e projetos. Estamos avançando?” (em amarelo).

Quadro I – Organização geral das atividades.

ATIVIDADE		FORMA DE COMUNICAÇÃO	FERRAMENTA DIGITAL	PÚBLICO-ALVO
Sessões Temáticas		Síncrona	Google Meet	Inscritos
Minicursos e Oficinas	“Método de concepção dos Espaços Livres de Edificação: da estruturação à forma”	Síncrona	Google Meet	Inscritos
	“Oficina de estudo da policromia da paisagem”			
	“Etnotopografia: uso do mapa de manifestações”			
	“Quebrando paradigmas: os jardins de chuva e sua importância ambiental”			
	“Monte você mesmo o seu jardim”			
	“Paisagismo auxiliado por computador”			
Palestras	“A formação do Arquiteto e Urbanista: rupturas e continuidades no estudo e ensino do paisagismo” - Vera Tângari.	Síncrona	Youtube	Aberto
	“Tendências da arquitetura paisagística nas incertas cidades do amanhã” - Benedito Abbud.			
Mesas Redondas	“Conteúdo, métodos e estratégias de ensino” - Andrea Queiroz, Patrícia Maya e Luciana Schenk.	Síncrona	Youtube	Aberto
	“O papel das instituições no ensino, pesquisa e/ou prática profissional da arquitetura paisagística” - representantes ABAP, CAPES e ABEA.	Síncrona		
	“Paisagismo no Brasil e no mundo: planos, políticas e projetos” - Fábio Mariz, Mônica Schlee e Silvio Macedo.	Síncrona		

Atividades culturais, concursos e homenagens	Aulas de Campo Arthur Soffiati e Teresa Peixoto	Assíncrona	Youtube	Aberto
	Lançamento de livros	Assíncrona	Website	Aberto
	Concurso de projeto de paisagismo	Assíncrona	Website	Inscritos
	Concurso paisagem inusitada	Assíncrona	Website	Inscritos
	Premiação Rosa Kliass	Síncrona	Youtube	Aberto
	Homenagem Haruyoshi Ono	Síncrona	Youtube	Aberto
	Plenária Final	Síncrona	Google Meet	Inscritos

Fonte: Desenvolvido pelos autores com base no site Enepea (2021).

10

O quadro a seguir apresenta resumidamente como se deu toda a organização geral.

Nesse sentido, de forma articulada e multiforme e num viés trans e multidisciplinar, as atividades se complementaram e inclusive permitiram uma dinamicidade maior do tempo ao articular o síncrono e o assíncrono. Agregou-se saberes técnicos, acadêmicos e profissionais e se propiciou interações. Além do mais, as transmissões abertas ampliaram o impacto social do evento, afirmando o ideal de democratização do ensino e da pesquisa em paisagismo e das leituras da paisagem, gerando trocas de conhecimento e experiências durante o evento.

Todo evento acadêmico (ou pelo menos a grande maioria) faz registros audiovisuais de suas atividades, porém é comum esses registros serem de difícil acesso a comunidade como um todo devido ao modo de gravação e armazenamento, costumando ser propriedade da instituição responsável pelo evento. A vantagem da produção online do Enepea e o uso do canal ARQiFF Tube na plataforma Youtube é justamente a facilidade em manter esse registro eternizado e com fácil acesso, de forma totalmente gratuita e sem burocracias para todos, não somente os participantes.

Diante do contexto pandêmico, como uma forma de conhecer Campos dos Goytacazes e sem a possibilidade de realizar as visitas técnicas presenciais-

mente, pensadas não só para se vivenciar a paisagem, mas também como forma de interação entre os participantes, propiciando memória afetiva e enaltecendo os atributos paisagísticos da maior cidade do interior do Estado do Rio de Janeiro, decidiu-se fazer algumas adequações realizando o “campo” por meio de passeios virtuais, usando registros audiovisuais e recursos digitais disponíveis no site do evento na aba “Conheça Campos” (Enepea, 2021).

Assim sendo, Campos seria vivenciada por meio: do *Esquenta Enepea*; do vídeo de Abertura que, imageticamente, ajudou a contextualizar Campos dos Goytacazes, retratando a sua história e o seu potencial paisagístico, cultural, artístico, esportivo, universitário e gastronômico de nossa cidade; da exposição fotográfica; da representação em 3D, relacionada à cidade e ao IFF; e por aulas de campo, uma dando ênfase ao Centro Histórico, com um tour noturno, e outra às Áreas de Especial Interesse Ambiental focada nas lagoas, então planejando dois circuitos.

A Exposição virtual “Campos Vivenciada” enfatizou a paisagem urbana, retratando a cidade como um espaço de conflito, contrastes e interesses sociais, que acompanha as transformações com as interferências humanas no decorrer do tempo. Assim, em Campos dos Goytacazes/RJ – a cidade vivenciada em questão –, é possível observar o novo e o velho através

dos patrimônios históricos em meio às novas construções, evidenciando-se tanto resistências quanto o enriquecimento do repertório e da pluralidade do local. Os diversos olhares e vivências contam histórias com sensações e afetos diferentes do mesmo lugar, até mesmo pelo fato de que o local se encontra em constante mudança, transpassando as novas gerações, com suas aspirações e suas demandas, o que requer conjugar caminhos para que o espaço urbano seja vivo, dinâmico e agradável.

4. RUPTURAS OU CONTINUIDADES?

Romper ou continuar? Preservar ou transgredir? Como lidar com a tensão entre conservar o tradicional e abrir caminho para o novo? Conjugando essas possibilidades? Como, desapegando das expectativas, amenizar a angústia de não mais ter o que se pretendia, encarando a (in)conformidade com a situação presente, projetando o futuro? E quando a própria ruptura dá o impulso para a continuidade? O fato é que, a partir do momento em que há modificações no contexto sociopolítico, urbano, sanitário e acadêmico, todos devem se colocar em movimento. E com isso, além das rupturas e/ou continuidades relacionadas ao ensino e à pesquisa do paisagismo, nos vimos refletindo sobre as rupturas e continuidades em tempos de covid-19.

A pandemia trouxe à tona uma reflexão antiga e contínua no contexto do Enepea: a importância do espaço livre. E isso apareceu nas falas de palestrantes e em debates ocorridos nas diversas mesas de apresentação de trabalhos. A falta de convívio social, os riscos do encontro em ambientes fechados, a ausência de espaços com contato com o céu e com a vegetação, as janelas que limitaram nossas paisagens, tudo isso fez com que as pessoas percebessem a falta que o espaço livre faz em nossas vidas. Em muitos trabalhos apresentados (Enepea, 2020) e nas falas ouvidas ao longo do evento, foi reforçado que, para termos cidades realmente saudáveis, é necessário que elas tenham um Sistema de Espaços Livres (SEL) adequado para a diversidade urbana, permitindo o caminhar, o pedalar e o encontro, mesmo que a uma certa distância, bem como a apreciação das paisagens. Daí, a pergunta que fica é: como essa discussão se efetivará no pós-pandemia?

Nesse contexto, a questão socioambiental sobressai, nos fazendo refletir tanto em rupturas que nos levaram às perdas, as crises e problemáticas

atuais, quanto nas rupturas que necessitam ser feitas buscando uma mudança paradigmática de pensamento, em prol da sustentabilidade social, ecológica, econômica, cultural e geográfica.

Também é necessário pensar sobre ações e políticas que nos garantem certas permanências (ou continuidades), inclusive as relacionadas aos elementos do suporte físico, à herança dos povos antecessores, à suas culturas, à identidade e pertencimento, que vedem retrocessos e que propiciem avanços considerando a visão do todo, o que traz à tona a paisagem – que vemos e vivemos – como um direito constitucional.

A partir dos trabalhos apresentados, das falas dos palestrantes e dos diversos debates do XV Enepea, são discutidos, a partir daqui, as principais reflexões articuladas no evento, que buscam contribuições para avanços quanto à atuação na arquitetura da paisagem.

Nesse sentido, saliente-se que novas e importantes pautas vêm sendo incluídas no debate da paisagem, como questões de gênero, LGBTQIA+, étnico-raciais e todos os tipos de desigualdade, diretamente ligadas às discussões sobre o direito à cidade. É preciso considerarmos, portanto, a diversidade, a complexidade e as especificidades de nossas cidades e paisagens, atentos especialmente as suas potencialidades que muito podem contribuir em nossos esforços analíticos e propositivos.

Muito foi discutido sobre a importância de tratar o SEL como infraestrutura das cidades, pois por ele fluem pessoas, animais, bens, resíduos, águas, energias e fluxos gênicos/informacionais, sendo elementos constitutivos do cotidiano. Por isso, é preciso moldá-lo para convívio e lazer público, mobilidade ativa, preservação e estímulo de práticas culturais locais, conservação ambiental e ampliação da resiliência urbana a eventos climáticos extremos e a riscos ambientais, havendo uma menor vulnerabilidade socioambiental e condições microclimáticas saudáveis. Destacou-se também a importância de se aproximar a legislação ambiental e urbanística do desenho para que políticas e projetos aproximem a lei da realidade.

Contudo, não é possível falar em avançar na profissão e dar continuidade a processos sem falar do ensino, tema chave desse evento. Isso implica, inclusive, citar as pressões (já existentes, mas reforçadas com a pandemia) sobre ele, relacionadas a grande disputa entre atender a um mercado educacional e a manutenção da qualidade, o que se amplifica quando passamos a tratar do ensino remoto. Ao mesmo tempo, o ensino tem se colocado como

forma de resistência, em especial quanto à manutenção das instituições, especialmente as públicas.

Diante de tudo isso, o ensino da arquitetura da paisagem deve reforçar a importância de uma construção histórica das atribuições profissionais do arquiteto e urbanista, que precisam ser amplas, humanistas e sensíveis às questões ambientais e sociais, sendo fundamental levar em conta a inter e multiescalaridade e, assim, contribuir com a formação ampla e integral do arquiteto da paisagem.

Paisagem não é consenso, é contradição, como disse Vera Tângari na conferência de abertura (Youtube, 2021). Para ela, muitas vezes rupturas precisam ser feitas para se avançar, e ouvir as pessoas faz parte disso. Ouvir o outro provoca rupturas. Mais do que dar voz, deve-se saber aprender a escutar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

12

Produzir pesquisa científica no Brasil, inclusive sua promoção por meio de eventos nacionais, sempre é um desafio, considerando todas as notórias questões que envolvem o financiamento e a estrutura para tal fim. A complexidade de se construir o XV Enepea já era considerável por ser um grupo de jovens pesquisadores em um recém-criado núcleo de pesquisas à frente da organização. Fatores como não ser uma capital, a dificuldade de financiamento, o deslocamento dos participantes e a infraestrutura necessária para sua realização já representavam dificuldades.

A ocorrência da pandemia e o consequente adiamento do evento produziu incertezas e transformou a realidade, alterando o conjunto de fatores. A ruptura inicial causada pela tragédia sanitária de abrangência mundial e além do controle da organização agregou, paradoxalmente, aspectos positivos para o contexto no qual todos se encontravam.

A realização do evento, pela primeira vez remotamente, só se tornou possível com o apoio de pesquisadores de vários lugares do país, que passaram a contribuir mais ativamente na sua construção. Em um primeiro momento, isso causou distanciamento, mas depois acabou produzindo aproximação. Dentre esses apoios, destaca-se a contribuição do professor Silvio Soares Macedo do início ao fim do evento, antes e depois da ruptura, sendo quem garantiu a continuidade na escolha do tema, na escrita dos primeiros textos

definidores do evento, nas chamadas iniciais, no desenho que inspirou a identidade visual e em participações durante as diversas atividades, ou seja, pela presença e aconselhamento durante toda a jornada.

O retorno dos participantes foi positivo, sendo elogiado o modo democrático, inclusivo e participativo com a qual foram conduzidas as atividades, a pontualidade e a divisão do formato em duas semanas. Foi ressaltado o protagonismo dos alunos do IFF, que acompanharam toda a produção do evento. O modo virtual ampliou as possibilidades de alcance ao público, o que gerou o questionamento de se ele não deve ser considerado para as demais edições, mesmo que de modo híbrido.

Ficou claro que a importância dada na discussão sobre o ensino foi muito positiva e que ela ainda deve ser muito discutida para tratar das suas variadas vertentes, da importância de convergência de saberes, da incorporação de aspectos sociais, históricos e culturais, e dialogar com aspectos físicos. Foi evidenciada a quantidade de trabalhos que apresentaram potenciais de intervenção, que envolvem ações projetuais, e com impactos nas políticas públicas na área. Também se evidenciou as abordagens multiescalares, diversificadas acerca da apropriação dos espaços livres e das possibilidades de atuação do arquiteto e urbanista com uma visão social mais ampla.

Também foi ressaltada como positiva a importância dada à Mesa institucional e os aspectos políticos que ela aborda, recomendando preservar essa atitude nas próximas edições. Outro destaque importante a ser considerado foi a grande participação feminina nos debates, pois entre os 12 palestrantes do evento, sete eram mulheres, o que também representa a cada vez mais forte realidade dentro dos cursos de arquitetura e urbanismo. Um elemento importante discutido foi a adesão do termo Arquitetura da Paisagem para se referir à prática profissional da área e a importância do estudo dos espaços livres ser incluído no processo de planejamento urbano.

O que ficou claro como aprendizado é que, diante de todas as rupturas já explicitadas, a solução sempre foi a inclusão de mais pessoas no diálogo. Quanto mais atores se envolveram na construção, mais rico se tornou o evento e os obstáculos foram menores. Entendemos que a tecnologia e as possibilidades da transmissão remota não substituem, mas acrescentam à estrutura de realização de eventos científicos, somando ao que é insubstituível na presencialidade: o calor humano, os encontros nas pausas para os cafés, as conversas entre as atividades e as visitas pela cidade, fundamentais

na experiência de arquitetos da paisagem. A perspectiva é que o relato desse aprendizado com a realização do XV Enepea possa agregar positivamente à continuidade dos incontáveis futuros Encontros Nacionais de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

YOUTUBE. **ARQIFF Tube**, [S.l.], 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/ARQIFFTube>. Acesso em: 1 set. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Painel Coronavírus**. [S.l.], 2021. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 11 jul. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Cadastro e-MEC**. [S.l.], 2017. Disponível em: <https://emec.mec.gov.br/>. Acesso em: 01 set. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 1.770/1994** - Diretrizes Curriculares Gerais: Conteúdos Mínimos. 1994.

ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO NO BRASIL – ENEPEA. **XV ENEPEA**. Campos dos Goytacazes, 2021. Disponível em: <https://enepea2020.wixsite.com/emcasa>. Acesso em: 1 set. 2021.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009..

ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO NO BRASIL – ENEPEA, 15., 2020. **Anais[...]**. Rio de Janeiro: Instituto Federal Fluminense, 2020. Disponível em: https://ec88cabf-bda0-4766-bae0-ee60557a7202.filesusr.com/ugd/2636c6_6fad843074ad49c3bb91e1e1b8271ecd.pdf. Acesso em: 1 set. 2021.

Danielly Cozer Aliprandi
IFF, campus Campos Centro, Arquitetura e Urbanismo
Rua Dr. Siqueira, 273 - Parque Dom Bosco, 28030-130,
Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil
CV: <http://lattes.cnpq.br/8607961914601529>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0727-8481>
E-mail: danielly.aliprandi@iff.edu.br

Antonio Leandro Crespo de Godoy
IFF, campus Campos Centro, Arquitetura e Urbanismo
Rua Dr. Siqueira, 273 - Parque Dom Bosco, 28030-130,
Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil
CV: <http://lattes.cnpq.br/0980650895929602>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9198-9843>
E-mail: antonio.godoy@iff.edu.br

Ana Paula Pereira de Campos Lettieri
IFF, campus Campos Centro, Arquitetura e Urbanismo
Rua Dr. Siqueira, 273 - Parque Dom Bosco, 28030-130,
Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil
CV: <http://lattes.cnpq.br/6564263111999211>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8143-3235>
E-mail: ana.lettieri@iff.edu.br

Daniela Bogado Bastos de Oliveira
IFF, campus Campos Centro
Rua Dr. Siqueira, 273 - Parque Dom Bosco, 28030-130,
Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil
CV: <http://lattes.cnpq.br/4015207912202588>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5079-4561>
E-mail: dbogado@iff.edu.br

Fagner das Neves de Oliveira
IFF, campus Campos Centro, Arquitetura e Urbanismo
Rua Dr. Siqueira, 273 - Parque Dom Bosco, 28030-130,
Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil
CV: <http://lattes.cnpq.br/8502783152281815>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3520-2126>
E-mail: fagner.oliveira@iff.edu.br

Nota do Editor
Revisão do texto: Tikinet
Submetido em: 02/09/2021
Aprovado em: 12/06/2024